

AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO NÚCLEO MARIA FIRMINA DOS REIS: ensino, extensão, transformação social

Leila Lima de Sousa¹; sousa.leila@ufma.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever atividades de ensino e extensão promovidas pelo Núcleo Maria Firmina dos Reis, da UFMA/Imperatriz. Através da promoção de cursos, debates, mesas redondas gratuitos e abertos ao público de todo o Brasil, o Núcleo tem buscado democratizar o acesso à educação e à comunicação, como também tem atuado diretamente na frente de formação antirracista e anti-cis-sexista, buscando tornar o ambiente universitário um espaço mais plural, diverso e acolhedor. As frentes de ensino e de extensão promovem, ainda, uma necessária formação reflexiva e questionadora dos estudantes de jornalismo, que aprendem sobre intelectualidade negra, construção plural do conhecimento, e constroem mecanismos para enfrentar e desnaturalizar as opressões.

PALAVRAS-CHAVE

Maria Firmina dos Reis. Maranhão. Educação. Raça. Gênero.

1. INTRODUÇÃO

O Maranhão é o estado do Brasil com o segundo maior número de pessoas negras. O estado também tem a segunda maior população quilombola do país, 269.074 mil pessoas que se autodeclararam quilombolas e vivem em 32 municípios maranhenses.

Imperatriz, cidade localizada na Região Metropolitana do Sudoeste do Maranhão, com a população, em 2021, de 259.980 habitantes (IBGE), destaca-se por ser um dos municípios com o maior número de pessoas autodeclaradas negras.

Neste texto temos como objetivo descrever algumas das atividades realizadas pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos Maria Firmina dos Reis, da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, que existe desde o ano de 2019, na tentativa de dialogar com outras formas de pensar a educação, a comunicação, o jornalismo a partir de perspectivas de raça, gênero e cidadania comunicativa.

O Núcleo Maria Firmina dos Reis é uma das iniciativas pioneiras entre as Universidades do interior do Nordeste, atuando na perspectiva de raça e gênero nos estudos feministas, principalmente na formação ético-política e antirracista. Em nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, temos buscado, através do diálogo (FREIRE, 2017; COLLINS, 2019), colocar em debate nossas práticas de ensino do

¹ Professora do curso de jornalismo e do PPGCOM/UFMA/Imperatriz. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis. Email: sousa.leila@ufma.br

jornalismo, as posturas e ações dos futuros jornalistas e as possibilidades de tornar o jornalismo mais sensível e pautado em refletir sobre a ação dos marcadores sociais na realidade dos sujeitos e do necessário enfrentamento aos discursos e narrativas que ainda reproduzem lugares de exclusão para pessoas negras, mulheres e moradores de regiões periféricas.

O nome escolhido para o Núcleo de pesquisa é uma homenagem à Maria Firmina dos Reis, mulher maranhense, escritora abolicionista e professora, considerada a primeira romancista brasileira. O primeiro romance de Maria Firmina – Úrsula - publicado em 1859, constitui um importante instrumento de crítica à escravidão, sobretudo pela humanização dos sujeitos escravizados. Embora Maria Firmina tenha enorme contribuição na literatura brasileira, sua história e seu nome são ainda pouco visibilizados na historiografia oficial.

2. METODOLOGIA

O grupo Maria Firmina dos Reis atua em duas frentes: promoção de formação política de estudantes de jornalismo diante das questões raciais e de gênero e a oferta de cursos de extensão gratuitos para a comunidade acadêmica e não acadêmica em todo o Brasil. Temos como base a ideia de que a educação é uma ferramenta e um instrumento de enfrentamento às diversas violências racistas e sexistas.

Nesse sentido, nos aproximamos de uma das principais bandeiras defendidas pelo Movimento Negro, como “ator social coletivo”, o direito à educação (GOMES, 2017). Os direitos de cidadania da população negra têm sido defendidos e reivindicados durante décadas pelo Movimento Negro. Segundo Nilma Lino Gomes (2017), as inúmeras conquistas dessa organização no tocante à educação, refletem que esse foi um “direito conquistado pela população negra ao longo dos séculos” (GOMES, 2017, p. 25). A autora debate também que a resistência e a luta pela efetivação de direitos é uma constante para a população negra no Brasil (GOMES, 2017).

Dessa forma, estimulamos não só a pesquisa de temas relacionados à questão racial e de gênero a partir de diferentes nuances, mas também sensibilizando os futuros jornalistas a conhecerem o pensamento de autores e intelectuais negros. Assim, buscamos tornar a Universidade um espaço mais plural, onde estudantes possam se

reconhecer no que discutem e estudam. Dentro dessa discussão, nos apoiamos na denúncia realizada pela autora Bell Hooks (1995), de acordo com a experiência vivida junto a estudantes negras da Universidade de Yale, quando aborda que o sentimento de não lugar e não pertencimento ao espaço universitário, e o fato de que o conhecimento produzido por essas estudantes sempre ter sido colocado à prova e sob suspeita, fazia com que as estudantes acabassem abandonado o curso justamente no momento final, no Trabalho de Conclusão de Curso.

Assim, reivindicar a educação como uma ferramenta de combate ao racismo tem sido uma realidade no Núcleo Maria Firmina dos Reis. Através dos cursos, debates, conversas, mesas redondas realizadas durante todo o ano letivo, temos buscado combater o “epistemicídio” (SANTOS, 1998; CARNEIRO, 2005), principalmente trazendo para o estudo e debate autores e autoras negras brasileiros e latino-americanos que não são abordados nos currículos oficiais dos cursos de jornalismo.

Entre as formas de participação dos estudantes de jornalismo nas atividades realizadas pelo Núcleo Maria Firmina dos Reis, destaca-se ainda, as ações de planejamento de atividades protagonizadas por eles, tal como as mesas redondas realizadas no ano de 2023 sobre “Comunicação indígena” e “Protagonismo LGBTQIA+”, ações que foram propostas e mediadas pelos estudantes de jornalismo a partir de demandas das próprias realidades.

Os estudantes atuam ainda na produção e divulgação de cards, textos, vídeos que são publicados no Instagram do Núcleo (@np.mariafirmina), plataforma que é regida por estudantes voluntários. Nesse espaço, aprendem e exercitam sobre formas de comunicar temas, dialogar com o público, promover o engajamento e a participação dos seguidores.

3. DESENVOLVIMENTO

O Núcleo lança debates, treinamentos e cursos de formação antirracista para professores, acadêmicos e jornalistas. Entre os quais promoveu três edições do projeto de extensão da “Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas”. O projeto de extensão idealizado pelo Núcleo é ministrado por professores e pesquisadores negros e indígenas de todo o país e também de outros

países. E conta com a participação de cursistas, ativistas, militantes, professores, estudantes de pós-graduação e pessoas de comunidades quilombolas.

Convém acrescentar que em 2021, o Núcleo foi selecionado pela Unesco para integrar a Segunda Campanha para la Erradicación del Racismo en la Educación Superior, que convocou iniciativas que se propusessem a pensar em práticas para o combate ao racismo, sobretudo no ensino superior na América Latina. Ao todo, foram escolhidas 20 propostas em toda a América Latina, e, no Brasil, foram cinco.

A partir da Academia Preta Decolonial, Grupo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis tem trazido para o debate e para o enfrentamento político questões sobre raça, gênero, cisheteronormatividade e diversas outras formas de opressão. O Núcleo atinge públicos em situação de vulnerabilidade social e permite a participação dos mesmos em atividades gratuitas que os capacitem, os ouvem e os insere no contexto acadêmico e profissional.

No primeiro semestre de 2023, o Núcleo Maria Firmina dos Reis ofertou o curso "Racismo estrutural e Meritocracia", ministrado pela professora Dra. Renata Nascimento (UERJ). O curso foi realizado em formato híbrido e foi mais uma iniciativa no sentido de formar, confrontar, refletir sobre as bases da sociedade e da educação brasileiras e seus processos de exclusão e marginalização da população preta, pobre e periférica. Acreditamos que a educação é base fundamental para as mobilizações e para o câmbio social. Por isso, é uma ferramenta crucial nos trabalhos desenvolvidos através do Maria Firmina dos Reis.

Embora estejamos articulando a promoção de diversos cursos de extensão, até o momento apenas o projeto "Academia Preta Decolonial" segue uma frequência anual, acontece no segundo semestre, geralmente entre os meses de setembro e outubro, e inclusive é um curso que já está na agenda de coletivos e organizações. Tanto a agenda da Academia Preta quanto as atividades abertas ao público desenvolvidas pelo Núcleo são divulgadas na plataforma Instagram (@np.mariafirmina) que conta com cerca de 3370 seguidores. Já tivemos cerca de 400 cursistas formados pela Academia Preta, algumas edições contaram, inclusive, com lista de espera, já que as vagas se esgotavam em poucos dias. Os resultados das ações realizadas pelo Núcleo já foram publicados em alguns livros e periódicos, destacamos entre eles: **a).** APRENDER-SEND0: A

construção de uma educação transformada a partir do curso Academia Preta Decolonial. Revista Capim Dourado: Diálogos em Extensão, 2023. **b)** Núcleo Maria Firmina dos Reis: esperando caminhos para o estudo, a pesquisa e a extensão na universidade pública. In: Lívia Fernanda Nery da Silva; Rannyelle Andrade da Silva. (Org.). Discurso, mídia e cotidiano. 1ed. Teresina: EDUFPI, 2024. **c)** A experiência transformadora da Academia Preta Decolonial: Tessituras de um diálogo com Nilma Lino Gomes e os Saberes Emancipatórios. In: Thiane Neves Barros; Tarcizio Silva. (Org.). Griots e tecnologias digitais. 1ed. Brasília/ DF: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados - IBPAD, 2023. **d)** SENTI-PENSAR A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA UNIVERSIDADE: Academia Preta Decolonial como prática de enfrentamento ao racismo. TELLUS (UCDB) **(no prelo)**.

Através dos relatos dos cursistas e das pessoas que fazem parte do Núcleo, identificamos o poder de transformação que o lugar seguro possibilitados pelos cursos e encontros se converte em acolhimento, empoderamento e em incentivo para que os sujeitos possam confrontar situações de violência, de exclusão e marginalização. É assim, por exemplo, que os resultados da Academia Preta Decolonial são descritos nas cartas da atividade final do curso pelo retorno à Universidade para alguns cursistas, pelo enfrentamento às situações diversas de racismo nos ambientes de trabalho e de estudo, e pela conquista de entrar no Ensino Superior, para muitos outros.

Os cursos gratuitos e de formação antirracista ofertados pelo Núcleo Maria Firmina podem ser replicados com sucesso nas Universidades brasileiras, por meio de grupos de pesquisa, de coletivos sociais, de organizações da sociedade civil. Para isso, há a necessidade de que docentes e estudantes possam se abrir para visibilizar, estudar, refletir sobre a produção intelectual de autores e autoras negras, mulheres, do Brasil e da América Latina.

Os trabalhos desenvolvidos no Núcleo Maria Firmina dos Reis têm sido pautados pelos ensinamentos de Griots como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo que denunciam os profundos abismos que estruturam a sociedade brasileira que tem na raça o elemento fundamental para as divisões, as exclusões, e o processo de empobrecimento e de vulnerabilização da população negra. O projeto de silenciamento e apagamento da população negra na nossa sociedade é percebido em

diversos âmbitos, um deles, na educação. Quantos autores negros conhecemos? Quantas autoras negras são parte das nossas referências intelectuais? Quantas professoras negras já tivemos? Foi através desses questionamentos que o Núcleo Maria Firmina dos Reis entendeu como fundamental desenvolver um processo transformador através da educação, dentro e fora da Universidade. Assim, nos diversos cursos que são ofertados pelo Núcleo, reconhecemos e reivindicamos a produção de conhecimento que nasce nas comunidades, nos ensinamentos passados por nossas mães, avós, tias, pelas pedagogias criadas como ferramenta de resistência e de existência e que nascem nas periferias, nas vivências e experiências que mulheres negras e indígenas desenvolvem como metodologia para criar espaços de existência político-sociais. Nos cursos, referenciamos e reverenciamos a produção intelectual de autores e autoras negras, indígenas, ribeirinhos, periféricos do Maranhão, do Nordeste e do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Núcleo de pesquisa e extensão Maria Firmina dos Reis atua de forma horizontal. Cursistas se tornam professores em edições seguintes dos cursos. Estudantes de graduação, através dos ensinamentos construídos em grupo, conquistam vagas em mestrados, elaboram artigos científicos com temas de impacto social, apresentam trabalhos em congressos e seminários. Os cursos abertos e gratuitos, sempre contam com atividade final que buscam inovar em formatos de avaliação, trazendo para o debate a importância dos saberes diversos que constituem os sujeitos, suas vivências e experiências que ultrapassam a educação formal e que permite que os mesmos possam se reconhecer no que é considerado saber/conhecimento. E que possam também valorizar e identificar a multiplicidade destes. Cartas, ensaios fotográficos, pinturas, desenhos, poesias, composição de músicas, peças de teatro, são alguns dos recursos que os estudantes utilizam para demonstrar as competências desenvolvidas através dos cursos.

Diante da imensa atuação pela região Tocantina e pelo Nordeste, o Grupo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis recebeu um reconhecimento nacional por meio do

Prêmio Luís Beltrão, categoria “Grupo Inovador” em 2022, que destaca trabalhos desenvolvidos em Instituições Universitárias que atuam na elaboração de novas metodologias e epistemologias.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Hooks, Bell. **Intelectuais negras**. In: **ESTUDOS FEMINISTAS**, 465 N. 2/1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa, 1998. **La Globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación**. Bogotá, Colombia: ILSA; Universidad Nacional de Colombia. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf.